

Capítulo 31.

PASSADO, PRESENTE E FUTURO DE UMA CIDADE UNIVERSITÁRIA: POSSIBILIDADES EDUCATIVAS

Araci Rodrigues Coelho

(Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG/ Universidade Estadual de Minas Gerais, UEMG)

Introdução

Este trabalho faz parte de uma pesquisa de pós-doutorado – intitulada *Ensino de História e a cidade: possibilidades educativas* – que tem o objetivo de investigar como a escola de Educação Básica em geral e, mais especificamente, o ensino de História podem proporcionar possibilidades efetivas para os jovens criarem conexões entre sensibilidade e conhecimento relativamente à cidade e sua História.

Na Educação e no campo do Ensino de História em particular, trabalhos têm procurado destacar o importante papel de práticas educativas que procurem ir além dos modelos formais de sala de aula e do ensino e aprendizagem tradicionais – centrado na figura do professor transmissivo – em direção a uma educação que realmente contribua para a construção de uma sociedade plural, inclusiva e democrática. Nesse sentido, os estudos sobre cidade e educação mostram o quanto são fecundas as práticas educativas realizadas para além dos muros da escola. Em tal contexto, realizou-se uma pesquisa de intervenção em que se produziu e aplicou uma proposta didática para a apreensão sensível da cidade. Com base em Pesavento (2004, 2005 e 2007), entendemos que uma “apreensão sensível da cidade” diz respeito à compreensão dos significados construídos por aqueles que

experienciaram a cidade em tempos diversos. Para além da materialidade, busca-se depreender os homens que a construíram e/ou destruíram, captando o que pensavam, o que sentiam, o que queriam e/ou o que defendiam.

Este trabalho descreve e analisa a proposta desenvolvida com uma turma de 9.º ano do Ensino Fundamental, composta por 24 alunos, com idade média de 14 anos, em torno da história da Cidade Universitária da UFMG na qual sua escola se situa. Com o propósito de aproximar os estudantes da metodologia de observação, exploração e estudo da cidade, foi desenvolvido um conjunto de instrumentos, focados no *campus* universitário, buscando desenvolver algumas habilidades de leitura, de apreensão sensível dos espaços dessa cidade universitária, e estabelecer conexões entre passado, presente e futuro que ali se manifestam.

Propostas teóricas

Que propostas teórico-metodológicas podem propiciar aos jovens da Educação Básica oportunidades para realizarem conexões sensíveis e problematizadoras sobre a cidade? Quais são os desafios que os sujeitos jovens colocam ao processo de apreensão sensível da cidade? Que mediações são necessárias? Que elementos deverão compor uma proposta de estudo para a apreensão sensível da cidade?

Os estudos do campo da Educação e, mais especificamente, os do Ensino de História vêm apontando, em vários trabalhos e pesquisas (Siman y Mrianda, 2013; e Saviani, 1986), para o esgotamento de uma educação conteudista, focada apenas na transmissão de conteúdo de cada disciplina isoladamente.

Encontramos em alguns autores, (Pesavento, 2004,2005; Silva Filho, 2003; Siiman e Miranda, 2013; Miranda e Pagès, 2013; Araújo, 2013 e 2014, entre outros) subsídios para ver no estudo da cidade grande potência para a superação do ensino tradicional da História, centrando num passado distante e vazio de significado para os jovens atuais. Devido aos limites deste trabalho, para exemplificar essa discussão, tomamos aqui somente o texto *Cidade, Memória e Educação: conceitos para provocar sentidos no vivido*, de Miranda e Pagès (2013). Neste, os autores apresentam importantes argumentos para transformarmos a cidade em objeto de estudo privilegiado da Educação e, mais especificamente, do ensino de História.

Os autores defendem que, atualmente, as questões e os problemas urbanos afetam as pessoas de variadas formas e em diferentes escalas de impacto e complexidade

e, por essa razão, se apresentam como um tema vivo, pulsante, concernente a uma multiplicidade de experiências humanas ao longo do tempo, no qual pode ser encontrada boa parte dos problemas e desafios colocados para as sociedades no presente e no futuro. Por isso os diversos conteúdos escolares, tematizados por meio da cidade, poderiam aparecer de forma viva e pulsante, já que estariam relacionados às experiências humanas ao longo do tempo.

Miranda e Pagès (2013) nos chamam a atenção para o fato de que a cidade é, ao mesmo tempo, o espaço em que somos usuários dos serviços públicos, o espaço privilegiado de encontro com o outro e, ainda, onde nos é possível visualizar e compreender as mudanças, permanências e continuidades históricas. A cidade é, nesse sentido, testemunha material da presença de diferentes temporalidades. De acordo com os autores, a cidade nos conecta a diversas camadas temporais que nos são dispostas, pois nela podemos visualizar diferentes passados, diferentes presentes e, além disso, na cidade podemos projetar, em função das práticas educativas que nela forem engendradas, diferentes futuros possíveis (Miranda e Pagès, 2013).

Primeiramente, quanto à dimensão do presente, afirmam que a reflexão sobre a heterogeneidade e pluralidade presentes na cidade – não só nos espaços tidos como históricos, mas em sua totalidade – possibilita a emergência de uma consciência do tempo presente. Esta também pode ser ativada, quando tomamos a cidade como espaço fértil para as operações de memória e observamos e refletimos acerca dos processos de seleção, no presente, daquilo que se deve guardar/lembrar ou do que deve ser esquecido, destruído. Ainda na perspectiva do presente, o espaço da cidade pode ser tomado como privilegiado para o desenvolvimento de uma educação do olhar. Assim, como texto a ser lido, podemos observar os diversos códigos de linguagem nela presentes e, a partir deles, estabelecer relações entre as linguagens e enunciados e os diversos atores sociais, comparando pontos de vista, detectando as operações de seleção e silenciamentos para, assim, emitir julgamentos e posicionamentos acerca dos acontecimentos ocorridos na cidade (Miranda e Pagès, 2013).

Em segundo lugar, quanto à consciência do passado, destacam que a educação com, na e pela cidade permite a ativação da consciência da mudança no tempo, por meio das marcas que este imprime no espaço urbano, as quais são mais visíveis e

tangíveis do que aquelas presentes nos livros didáticos, por exemplo. Além disso, o trabalho com a cidade permite a reflexão sobre as operações de construção do conhecimento histórico feito a partir das evidências, problematizando as intencionalidades que permeiam essa construção, além de oferecer o desenvolvimento de um saber aberto a narrativas plurais que levam em conta múltiplos sujeitos sociais que consigam superar uma memória dominante. (Miranda e Pagès, 2013).

Por fim, quanto à dimensão do futuro, Miranda e Pagès (2013) afirmam que o trabalho com, na e pela cidade possibilita a ativação da reflexão acerca dos projetos futuros, pois, para eles, o que caracteriza a consciência histórica não é o reconhecimento do passado, mas a evocação do passado, a partir do presente, com vistas a construção de expectativas plausíveis acerca do futuro. Sendo assim, possibilita estabelecer relações entre as temporalidades materializadas na cidade em função de projetar, imaginar caminhos simultâneos no tempo futuro.

Nesse sentido, destacam que a questão da cidadania e democracia hoje nos impele em direção ao futuro. Então educar para a cidadania, um dos principais objetivos não só do ensino de História, mas também da Educação em geral, a partir da mediação do pensamento histórico, implica promover reflexão do presente e do passado próximos com vistas a construção de possibilidades de participação e protagonismos.

Acreditamos, nesse sentido, que a realização de trabalhos que focalizem a cidade, além de desenvolver maior consciência da cidade, pode também desenvolver a noção de pertencimento a esse lugar de vivência, ativando nos jovens a esperança de possibilidades de futuro que respeitem a pluralidade de experiências sociais. Entendemos a “consciência da cidade” tal como formulada por Araújo:

A capacidade que têm os homens de objetivar a cidade, de compreendê-la como produto da ação humana, de apreendê-la como lugar de múltiplas temporalidades e experiências sociais, de interpretá-la, de atribuir-lhe os mais diversos sentidos e nela intervir. (Araújo, 2014)

Não obstante toda a potencialidade do estudo da cidade para o ensino da História e da Educação, essa não é uma tarefa fácil. Nossa interação intensa e cotidiana acaba por naturalizá-la, tomando-a por conhecida e deixando escapar sua história e

memórias, sua dimensão de artefato, coisa criada pelo homem para si, para seus interesses, contra, eventualmente, interesses de outros homens, mutável e em transformação permanente (Menezes, 2003)

Concordamos com Araújo (2014), quando afirma que um dos fatores que levam os habitantes a não construírem a relação significativa com suas cidades é a falta de conhecimento e reflexão sobre ela. Dessa forma, são necessárias ações intencionais de ensino que busquem desnaturalizar a cidade, que estimulem os estudantes a refletir sobre a realidade urbana, sua origem, transformação, organização e dinâmica atuais.

Percurso metodológico: A Cidade Universitária

A partir de tais orientações teórico-metodológicas, desenvolvemos nossa investigação, elegendo como sujeitos de pesquisa 24 alunos de uma turma de 9.º ano do Ensino Fundamental, do 3.º ciclo de formação humana do Centro Pedagógico – escola situada dentro da Cidade Universitária da UFMG, por sua vez situada dentro da cidade de Belo Horizonte. Apesar de ao longo dos últimos quatro anos esses alunos, que têm em média 14 anos, terem vivenciado um projeto de ensino¹ que visava promover situações de aprendizagem em/com lugares de Belo Horizonte, eles não despertaram para realizar estudos focalizando a cidade em geral, demonstrando que lhes faltou vivências acerca do urbano em um local mais próximo de seu cotidiano: a Cidade Universitária da Universidade Federal de Minas Gerais².

Ao realizar um levantamento bibliográfico, constatamos a escassez de trabalhos didáticos e acadêmicos que discutem experiências concretas de estudo da cidade com os quais pudéssemos dialogar ou que nos servissem como ponto de partida para a construção do trabalho sobre a Cidade Universitária da UFMG.

Nesse contexto, escolhemos realizar uma pesquisa qualitativa do tipo pesquisa de intervenção (DAMIANI, 2013) em que, mais do que discutir conceitos ou fazer

¹ Trata-se do “Projeto Vivências Culturais”, um projeto existente desde a década de 90 do século passado, que envolve preferencialmente os professores do Núcleo, mas está aberto à participação dos demais professores e funcionários da Escola. Esse projeto sintonizado com as questões colocadas para a Educação e para o Ensino de História atuais reconhece como fundamentais para a formação humana as vivências culturais, os rituais que ocorrem tanto dentro da escola como em outras instituições e espaços da cidade (UFMG, 2015). Dessa forma, visa promover para seus alunos experiências e situações significativas de aprendizagem em/com lugares de conhecimento e memória para além da sala de aula.

² A respeito de sua história ver Starling (2009)

prescrições abstratas sobre o estudo na e sobre a cidade, se propusesse a enfrentar o desafio de construir, orientada pela intencionalidade didática em relação à cidade, uma proposta de ensino e aprendizagem, produzindo e experimentando instrumentos didáticos para, a partir de sua vivência concreta, refletir sobre suas possibilidades e limites, e posterior ampliação para outros espaços da cidade de Belo Horizonte.

Nossa intenção é descrever os procedimentos realizados, avaliando-os e produzindo explicações plausíveis sobre seus efeitos, fundamentadas nos dados e na teorias anteriormente apresentadas.

A sequência didática e suas pistas para a construção de uma proposta intencional de ensino e aprendizagem da e na cidade

Nosso percurso metodológico foi desdobrado em duas etapas. A primeira, discutida neste artigo, constou de uma sequência de aprendizagem, intitulada Projeto Cidade Universitária: Presente – passado - futuro, realizada com toda a turma composta de 24 alunos. E a segunda, realizada com alguns alunos que aceitaram o convite de organizar uma exposição com as fotografias tiradas pela turma, na ocasião em que foi feita uma caminhada pelo *campus*.

No que diz respeito à sequência de aprendizagem, ela foi composta por 7 instrumentos didáticos que tiveram o objetivo inicial de promover a aproximação dos alunos com essa Cidade Universitária, contribuindo com sua desnaturalização e, assim, promovendo o desenvolvimento da consciência da cidade e do direito a ela. Os três primeiros instrumentos – (1.º) Para começo de conversa; (2.º) Um olhar sobre a UFMG: começando a flunar e trabalhando com um mapa da Cidade Universitária, e (3.º) Desafio: onde eu vi? – buscavam, por um lado, informar a nós, professoras pesquisadoras, sobre o nível de informação que os alunos tinham desse espaço, bem como sua relação com esse local em que eles viviam desde 2009. Por outro lado, pretendiam atender a dois objetivos. O primeiro, propiciar aos alunos um exercício de metacognição em que eles também pudessem responder a questões como: qual é o meu conhecimento sobre o espaço que eu frequento diariamente há mais ou menos 9 anos? Qual é a relação que estabeleço com esse local? Quais são minhas memórias e sentimentos? Em segundo lugar, esses instrumentos

pretenderam iniciar o desenvolvimento de algumas noções e habilidades caras ao estudo da cidade, tais como as dimensões da historicidade, da complexidade, do olhar investigativo e do caminhar inteligente.

A seguir, apresentamos algumas respostas dos alunos, analisando-as à luz dos referenciais teórico-metodológicos apresentados, para que se possa apreender o percurso trilhado por eles nessa experiência com a Cidade Universitária.

A Cidade Universitária da UFMG: tão vista e tão pouco olhada

Ultimamente eu tenho **olhado** bastante a UFMG. De manhã, ao vir para a escola na van (escolar) eu olho as árvores, as escolas e principalmente as pessoas. São tantas pessoas com roupas diferentes, estilos diferentes, cabelos diferentes, rostos diferentes, tamanhos diferentes etc. numa mesma universidade. Vejo pessoas lendo enquanto caminham escutando música, conversando ou olhando ao seu redor também. Me pergunto: “o que elas devem sentir em relação a este lugar.” (A11³)

Essa resposta tão carregada de sensibilidade, de quem observa no espaço principalmente as pessoas em sua diversidade e se questiona sobre seus sentimentos não foi representativa do teor da maioria das respostas dadas pela turma. Quando questionados se viam ou olhavam a cidade a partir da definição e diferenciação⁴ dos dois termos, a maioria declarou ver a cidade em detrimento de olhá-la. E explicam:

Visto porque eu já estou acostumada a vir aqui todos os dias e não tenho mais a sensação de ser algo novo. (A4)

Visto, pois para mim a Cidade Universitária da UFMG já é uma coisa normal que eu vejo todo dia então não tenho interesse de investigar algo aqui. (A14)

Tais respostas corroboram nossa observação de que a Cidade Universitária não estava sendo percebida pelos alunos, que não a consideravam como lugar sensível, experimentada, ao contrário, estava naturalizada, embotada para o seu olhar. Como

³Para manter em sigilo os nomes dos sujeitos da pesquisa, resolvemos identificá-los com o A de Aluno e o número da chamada de sala de aula.

⁴ O antropólogo José Marcio Barros (1996) propõe uma diferenciação entre o OLHAR e o VER, para quem o ver é uma atitude involuntária, ingênua, que registra espontaneamente aquilo que está visível, é superficial. Já olhar é próprio daqueles que investigam, é intencional, exige profundidade. Ver a esse respeito Araújo (2014).

vimos anteriormente, essa situação pode ser explicada pela relação cotidiana e rotineira que os sujeitos estabelecem com os lugares que frequentam, fazendo com que percam sua dimensão de proximidade, profundidade, identidade e pertencimento com o lugar, criando desinteresse, alienação e dificultando a criação de sentidos.

Quando foram convidados a exercitar seu olhar investigativo, curioso, de profundidade, por meio da segunda atividade que trabalha com um mapa da Cidade Universitária, perguntados se algo lhes despertava a curiosidade, 13 alunos responderam: *“Não há nada que me desperta a curiosidade.”* A12 e A21 deram explicações muito próximas a de A13 que afirmou: *“Por conhecer grande parte da UFMG não tenho muita curiosidade.”*

Essas falas sobre Cidade Universitária nos convidam a dialogar com Pesavento (2005):

A busca pela temporalidade escoada implica o acionar de uma vontade e mesmo de um aprendizado que só podem ser despertados pela ativação de um olhar sensível e por um processo que implica ensinar a pensar. Assim, só se pode resgatar o tempo escoado no espaço da cidade através de uma atitude deliberada e de um esforço de imaginação que chama a si toda uma carga de referências acumuladas, capazes de criar este olhar especial que possibilita ver além daquilo que é dado a ver. (PESAVENTO, 2005, p.11).

Consideramos então importante trazer um pouco de conhecimento histórico sobre a Cidade Universitária, pois, de acordo com Silva Filho, 2003:

Incursionar pela diversidade de espaços e tempos da experiência urbana implica abrir-se à volúpia das sensações, sem negligenciar o conhecimento que se abriga na leitura dos textos escritos. Donde se percebe que esse exercício de reflexão crítica se nutre tanto do andar pela cidade quanto da pesquisa e consulta de obras que tematizam sua história e memória, seus costumes e tradições (SILVA FILHO, 2003, p.21)

Seguindo essas pistas teórico-metodológicas, organizamos a segunda parte da sequência de aprendizagem, composta por outros quatro instrumentos – (4.º) Álbum de figurinhas, um pouco da História da Cidade Universitária da UFMG: Oficina de colagem de figurinhas; (5.º) Produção de textos; (6.º) Flanar: uma caminhada

inteligente pela Cidade Universitária, e o (7.º) Oficina de cartões postais: A Cidade Universitária da UFMG – passado, presente e futuro.

O Álbum de figurinhas “80 anos da UFMG”⁵ foi o material escolhido para ser trabalhado com os alunos. Em suas páginas podem-se observar edificações antigas e novas, objetos, espaços, grupos de pessoas, enfim, momentos diversos da UFMG e de sua Cidade Universitária que, por meio de imagens e legendas, revela uma história não linear, apresentada de forma a abrir espaços para a participação e interpretação subjetiva dos leitores. Os alunos “se perderam” pelas figurinhas, imagens e textos desse álbum, ao longo de 3 aulas de 90 min, quando foram instigados a observar imagens, ler textos, estabelecer relações entre essas novas fontes e seus próprios conhecimentos.

Surpresa, espanto, reconhecimento, alegria, curiosidade, pertencimento foram sentimentos que se entrecruzaram nos diálogos dos alunos, nesse contato com o Álbum de figurinhas. Como disse A2: *“Enfim pudemos aprender muito apenas com esse álbum que nos faz viajar no tempo e ir muito além do “ver” e começar a “enxergar” a universidade e cada vez descobrir mais sobre ela.”*

O excerto anterior e o seguinte são indicativos de que nossa metodologia parece trilhar o caminho desejado, qual seja o de proporcionar a desnaturalização e o aprofundamento do conhecimento sobre um lugar tido, ao mesmo tempo, como familiar e desinteressante:

Enquanto colávamos as figurinhas pude ver e conhecer vários lugares do campus da UFMG de diferentes épocas. Percebi os equipamentos antigos, as tradições, o desenvolvimento dos prédios e ruas e as pessoas que estudavam aqui. [...] gostei muito de poder conhecer melhor o lugar onde frequento e ver toda a evolução tanto na área do conhecimento quanto estruturalmente. Ontem [se referindo à caminhada] mesmo pude conhecer um senhor que há 40 anos estudou aqui e até me emocionei... Muitas pessoas passaram por aqui e fizeram parte de seu desenvolvimento e história, assim como eu farei.” (A16)

Sobre o excerto anterior, vale destacar que o texto do qual ele foi retirado foi produzido relacionando o álbum de figurinhas à atividade realizada junto a turma em

⁵Álbum comemorativo publicado pela Editora da UFMG como parte das comemorações dos seus 80 anos. Volume de 64 páginas, organizadas em 9 “constelações de fragmentos”, onde há 230 espaços legendados para serem colocadas as figurinhas que vinham em um pacote separado. Ver Starling, (2007).

seguida, que chamamos de “Flanar: uma caminhada inteligente pela Cidade Universitária”.

Durante a caminhada pela Cidade Universitária, propusemos aos alunos que, além de observar o lugar, eles fotografassem aspectos que considerassem importante registrar. A atividade seguinte trabalhou com tais fotografias, quando fizemos uma oficina de cartões postais. Convidamos os alunos, então, a revisitar suas fotografias, construindo comentários, justificando sua seleção e/ou contando sobre o lugar fotografado. A título de exemplo desse trabalho, apresentamos o comentário feito também por A16:

“Escolhi essa imagem, pois pude mostrar quatro coisas em uma só foto; o primeiro prédio a ser construído, a estátua da reitoria, a reforma do local e os meus amigos estudantes conhecendo mais a Cidade Universitária. Ao passar por ela consegui imaginar como era no passado e ao mesmo tempo ver as transformações e como será futuramente, devido às reformas, o que me faz concluir que a universidade está sempre mudando.” (A16)

Percebemos, por esse texto, que novamente o aluno estabeleceu relações entre as temporalidades presentes na Universidade, fator primordial, como nos ensinou Miranda e Pagès (2013), para o desenvolvimento da consciência histórica. Seguindo as proposições desses autores, convidamos os alunos que já vinham estabelecendo relações com as temporalidades da e na Cidade Universitária a imaginá-la no futuro. Acreditamos, tal como Pesavento (2005, p.14), que viver em espaço urbano é munir-se de condições para que nela se exerça uma vida para além do tempo do agora, do existir. De acordo com essa autora, o presente da cidade é, ao mesmo tempo, um momento em que se realimenta o passado da urbs, mas também um tempo de se pensar o futuro, onde se articulam planos e projetos para a cidade. Vejamos o que alguns dos alunos dizem:

“Eu gostaria de um campus com 0% de preconceito, mais seguro e com uma área de lazer para descansar com piscina, museus e um bandeirão com comida realmente boa.”(A18)

“A imagem mostra a minha visão de como eu quero que seja a Cidade Universitária no futuro. Basicamente, um lugar tranquilo, diverso em todos os sentidos (pessoas, o

próprio local etc), mas sem perder a essência: inspirador, um lugar que ilumina e inspira seus frequentadores.” (A2)

“Eu não fiz essa atividade com o intuito de imaginar como a Universidade vai ser no futuro, pois imagino que, conforme os anos vão passando, temos mais corrupção. Então resolvi fazer imaginando como eu gostaria que fosse a UFMG no futuro: com esperança de lugar bonito, ecológico e educativo, com lembranças e histórias boas” (A7)

Conclusão

Neste trabalho nos propusemos a discutir os resultados iniciais de uma pesquisa de intervenção desenvolvida junto a jovens do 9.º ano. Esta se propôs a enfrentar o desafio de construir, orientada por alguns referenciais do Ensino da História na perspectiva da História Cultural, uma proposta de ensino e aprendizagem em relação à cidade, produzindo e experimentando instrumentos didáticos para, a partir de sua vivência concreta, refletir sobre suas possibilidades e limites. Procuramos, no decorrer deste texto, descrever e analisar, de forma breve, tanto nossa intencionalidade na elaboração e condução dos instrumentos junto aos alunos, quanto algumas pistas fornecidas pela produção dos alunos ao realizar e vivenciar o projeto.

Esta breve análise parece indicar que uma metodologia como a que desenvolvemos e apresentamos neste trabalho pode ser de grande potência para desenvolver uma consciência da cidade, bem como proporcionar aos alunos o direito à cidade, conforme nos ensina Pesavento (2005, p.14)

Renovar e reabilitar, jogando desde o presente as dimensões do passado e do futuro de uma cidade, seria uma outra forma de exercer a cidadania, entendendo que habitar a cidade implica dotar seus habitantes deste direito de usufruir vários tempos. O direito à cidade é fundamental na construção do que se pensa como cidadania, é fundamental um direito à história, à memória, à identidade.

Referências

- Araújo, V. (2014). *Ensinar a ler a cidade: práticas de estudo da urbe na educação básica*. Programa de Pós graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Minas Gerais, Belo Horizonte. Minas Gerais.
- Coelho, A. R. (2016) Ensino de história e a cidade: possibilidades educativas. Projeto de pesquisa.
- Damiani, M.F., Rochefort,, R. S., Castro, R. F., Rodrigues, M. y Pinheiro, D. S. S. (2013) Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. *Cadernos de Educação FaE/PPGE/UFPEl*, 45, 57-67.
- Miranda, S. R., y Blanch, J. P. (2013). Cidade, Memória e Educação: conceitos para provocar sentidos no vivido. En L.M. Siman y S. R. Miranda (Org.), *Cidade Memória e Educação* (pp. 59-92). Juiz de Fora: Editora UFJF.
- Pesavento, S. J. (2004). Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. *Revista Esboços*, 11(11), 25-30.
- Pesavento, S. J. (2005) Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades, *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*.
- Savani, D. (1986). *Escola e Democracia*. São Paulo: Cortez Autores Associados.
- Silva Filho, A. L. M. (2003). *A cidade e o Patrimônio histórico*. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura do Estado do Ceará.
- Siman, L. M. y Miranda, S. R. (2013) (Org.). *Cidade Memória e Educação*. Juiz de Fora: Editora UFJF.
- Starling, H. (2007). Álbum de figurinhas 80 anos UFMG. Em H. Starling y R. H. Duarte (Org.), *Cidade Universitária da UFMG: história e natureza*. Belo Horizonte: UFMG.